

Dona Emiliana e o departamento de Psicologia da UFSC*

Rogério F. Guerra

José Baus

Universidade Federal de Santa Catarina

A criação da UFSC

A aglutinação das faculdades

As origens do ensino universitário catarinense remontam ao Instituto Polytechnico de Florianópolis, criado no início de 1917. Antes disso, uma lei do Governo Estadual (nº 839, 2 de Outubro/1909) já previa a criação da Faculdade Livre de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia, mas, desafortunadamente, ela não saiu do papel. O Instituto Polytechnico surgiu a partir da aglutinação dos esforços de cirurgiões-dentistas, farmacêuticos, médicos, engenheiros, advogados e um oficial da Marinha. Os estatutos especificavam que os objetivos da instituição eram a formação de farmacêuticos, cirurgiões-dentistas, guarda-livros e agrimensores. As aulas tiveram início em 10 de Abril de 1917 e eram ministradas em diferentes lugares, mas situados no centro da cidade. O Instituto Polytechnico recebeu o suporte legal dos governos estadual e federal e atingiu a fase áurea na década de 1920. Entretanto, crises internas e o reduzido número de alunos abreviam a sua vida – o curso de Odontologia, o mais procurado, teve apenas sete alunos matriculados e somente quatro deles chegaram ao final. A instituição vivia em dificuldades orçamentárias e a qualidade do ensino era inferior ao padrão nacional. Os motivos eram variados, mas o salário era baixo e os dirigentes tinham que recorrer aos profissionais locais, os quais não exibiam as credenciais adequadas e encaravam a docência como atividade secundária. Em 1935, o Instituto Polytechnico é extinto e a formação de profissionais da saúde só é retomada muitos anos depois (Madeira & Rosa, 1978 e 1979; Rosa & Madeira, 1978 e 1979).

A UFSC foi criada em 18 de Dezembro de 1960, a partir do decreto-lei 3849, assinado pelo Presidente Juscelino Kubitschek (1902-76).

* Dona Emiliana and the psychology department at UFSC.

O Prof. João David Ferreira Lima (1910-2001), o idealizador do projeto, foi designado reitor (9 de Outubro/1961) por João Goulart, vice de Jânio Quadros, o sucessor de JK. A solenidade de instalação oficial da instituição ocorreu no Teatro Álvaro de Carvalho (22 de Março/1962). Inicialmente, o Campus Universitário estava espalhado pelo centro de Florianópolis e atendia a 847 alunos, distribuídos em dez cursos de graduação. Decorridos quase 50 anos, o salto quantitativo foi enorme, pois a comunidade estudantil hoje ultrapassa 32 mil alunos e contamos com cerca de 1550 professores, a maior parte com o título de doutorado. Inspirado pelo slogan “Formando gerações desde 1960”, o vestibular de 2008 oferece 4095 vagas para os 65 cursos de graduação (incluindo três novas modalidades: Oceanografia, Zootecnia e Artes Cênicas). Os números indicam que o crescimento da UFSC foi espantoso. Estes números explicam por que o local que abriga uma universidade ora é chamado de “cidade universitária”.

Ferreira Lima foi o idealizador da UFSC e permaneceu por 10 anos à frente da reitoria (Outubro/1961 à Dezembro/1971). Em seguida, vieram as administrações de Roberto Mündell de Lacerda (1972-76), Caspar Erich Stemmer (1976-80), Ernani Bayer (1980-84), Rodolfo Joaquim Pinto da Luz (1984-88, retornando para mais dois mandatos consecutivos 1996-2004), Bruno Rodolfo Schlemper Jr. (1988-92), Antonio Diomário Queiroz (1992-96) e o atual reitor, Lúcio José Botelho (2004-08). Até a administração do Prof. Bayer, os dirigentes máximos eram escolhidos de modo indireto – eram indicados pelo Ministro da Educação e a escolha era sancionada pelo Presidente da República. Não havia eleições diretas, mas o primeiro reitor a ser escolhido pela comunidade universitária foi o Prof. Rodolfo (eleito três vezes para o cargo e escolhido também para presidir o Conselho de Reitores, o CRUB).

No início dos anos 1960, Santa Catarina estava crescendo economicamente, de modo que as autoridades governamentais e a elite intelectual enxergavam a necessidade de criação de uma instituição universitária. A UFSC surge nesse contexto. Durante toda esse tempo, ela proporcionou a formação de um formidável contingente de profissionais, em diferentes áreas do conhecimento. O embrião da UFSC funcionava em torno de seis faculdades: Faculdade de Direito de Santa Catarina (criada em 11 de Fevereiro/1932, então dirigida pelo próprio Ferreira Lima), Faculdade Catarinense de Filosofia (criada em 8 de Setembro/1951, a *alma mater* do atual Centro de Filosofia e Ciências Humanas era dirigida por Henrique da Silva Fontes),

Faculdade de Ciências Econômicas de Santa Catarina (criada em 1 de Março/1943, então dirigida por Nicolau Severiano de Oliveira), Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina (criada em 1948, então dirigida por Luiz Oswaldo D'Acampora), Faculdade de Medicina de Santa Catarina (criada em 29 de Dezembro/1959, criada e dirigida por Roldão Consoni) e Faculdade de Serviço Social (criada em 1959 e então dirigida pela vice-diretora Irmã Clementina Tonello, Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado).

A Faculdade de Direito era a mais antiga, estava melhor estruturada e já pertencia ao Governo Federal. As demais sobreviviam com grandes dificuldades, pois eram frutos da iniciativa de agremiações particulares e recebiam ajuda esporádica do governo estadual. Todos os envolvidos com o sonho universitário enxergavam a sua importância, mas tinham divergências sobre o status da instituição: ela deveria ser particular ou deveria funcionar sob o manto do Governo Estadual ou Federal? A primeira solução foi descartada logo no início, pois todos concordavam que uma instituição de tal porte dificilmente sobreviveria com as mensalidades cobradas dos alunos. A solução estadual foi defendida por Henrique da Silva Fontes (1885-1966), a federal por Ferreira Lima. Em razão da movimentação de Fontes, o Governador Heriberto Hülse (1902-72) cede a Fazenda Assis Brasil para a instalação da futura universidade estadual, mas prevalecem os argumentos de Ferreira Lima, os quais apontavam que o suporte estadual também não seria suficiente para a manutenção da universidade – as faculdades existentes recebiam suporte financeiro do governo estadual e, embora pequenas e modestas, viviam enfrentando dificuldades orçamentárias.

O centro de gravidade era a Faculdade de Direito e, portanto, a fórmula defendida por Ferreira Lima era natural e parcimoniosa. Com efeito, era mais fácil transformar as deficitárias instituições particulares numa única instituição federal que transformar a sólida e bem estruturada instituição federal, a Faculdade de Direito, numa instituição particular ou pertencente à administração estadual. O Governador Hülse cede aos argumentos de Ferreira Lima e, sem maiores problemas, transfere a Fazenda Assis Brasil para a implantação de uma universidade federal (ver Fontes, 1960; Lima, 2000). A UFSC estava sendo partejada.



Figura 1

O Presidente Juscelino Kubitschek assina o ato de nomeação dos professores da Faculdade de Direito logo após a sua federalização (Palácio do Catete, Rio de Janeiro, 1957). A partir da esquerda: Senador Cunha Mela (líder do governo no Senado), Deputado Ulysses Guimarães (São Paulo), Deputado Vieira Melo (líder do governo na Câmara), Deputado Leoberto Leal (Santa Catarina), JK (sentado), Ferreira Lima (diretor da Faculdade de Direito), Vitor Nunes Leal (chefe da Casa Civil), Clovis Salgado (Ministro da Educação e Cultura), Pedro Calmon (Reitor da UFRJ) e Sydney Nocetti (jornalista).

A UFSC ganha vida

Entre o ato providencial de JK e a implantação da UFSC existe uma verdadeira obra de engenharia administrativa. Engana-se quem pensa que a universidade surgiu espontaneamente a partir das palavras publicadas no Diário Oficial, pois as dificuldades eram inimagináveis. O Ministério da Educação funcionava parte no Rio de Janeiro, parte em Brasília, os malotes iam e vinham com os processos e portarias e as mensagens mais urgentes eram enviadas por cabogramas e telegramas (estas palavras caíam no es-

quecimento e muitos jovens sequer sabem o que elas significam). As antigas faculdades foram extintas e os professores e o acervo patrimonial foram alocados nas novas unidades; os dirigentes viviam imersos em carimbos, fichários e documentos datilografados. Somente quem conhece um pouco sobre o funcionamento de uma antiga repartição pública tem alguma noção da complexidade que Ferreira Lima e seus “garotos” enfrentaram no início da criação da UFSC. Em 1960 nós não dispúnhamos de computadores, Internet ou E-mail e todo o funcionamento administrativo girava em torno dos escritórios, memorandos e malotes. O bom Chefe de Expediente era um exímio datilógrafo e tinha excelente caligrafia.

A partir do decreto-lei 3849/1960, Ferreira Lima é designado *pro tempore* para dar vida ao projeto. Vencida essa fase, os novos diretores das unidades deveriam ser eleitos, da mesma forma que, ato contínuo, os representantes das unidades deveriam ser escolhidos para comporem o Conselho Universitário. Nós não devemos esquecer que os regimentos e os estatutos também deveriam ser criados. Em 10 de Setembro de 1961, logo no início da manhã, o Conselho Universitário se reúne pela primeira vez, tendo como pauta principal a eleição de um reitor e seu vice-reitor. A presidência da reunião coube ao representante do MEC, o Prof. Jurandy Lodi; o processo dá origem a uma lista tríplice, o que foi mera formalidade, pois os votantes escolhem por unanimidade Ferreira Lima para assumir o cargo de reitor. O Prof. Lodi faz o encaminhamento formal da lista e o Presidente João Goulart nomeia Ferreira Lima para o cargo (9 de Outubro/1961). Um dos candidatos naturais ao cargo de reitor era o Prof. Fontes, mas ele tinha 75 anos na ocasião.

Quem conhece um pouco a UFSC, sabe que a área tecnológica é motivo de orgulho, pois seus vários cursos de graduação e de pós-graduação vêm se destacando há vários anos no cenário nacional. Quando a UFSC foi criada, não existia uma escola de engenharia em Santa Catarina, mas ela foi criada de um modo que revela muito sobre a natureza de um homem público. É o próprio Ferreira Lima que nos relata como o Centro Tecnológico foi partejado. Com efeito, ele convencera as autoridades sobre a importância de uma universidade no estado. O memorial descritivo foi exposto à JK, o qual emitira um parecer inicial favorável. A elaboração do anteprojeto de lei ficou ao encargo do Prof. Lodi, amigo de Ferreira Lima e então Diretor de Ensino Superior do MEC.

O documento especificava que a universidade surgiria da aglutinação das faculdades existentes, não havendo, portanto, espaço para inclusão de uma inexistente “Escola de Engenharia”. Ferreira Lima relata que, durante três dias, ele insistira junto a Lodi para que um curso superior de engenharia fosse incluído no anteprojeto de lei. Apesar das dificuldades legais, pois os documentos falavam na aglutinação das escolas existentes e a “Escola de Engenharia” só existia na cabeça de Ferreira Lima, a teimosia surtiu efeito. No último encontro com o representante do Ministério da Educação (Julho/1960), este passa às mãos de Ferreira Lima o esboço do anteprojeto criando a UFSC. O simples papelucho incendiara a alma de Ferreira Lima, pois informava sobre a criação de uma Faculdade de Engenharia, com um curso de graduação em Engenharia Industrial. Plenamente satisfeito com os frutos de sua insistência, os dois amigos se abraçam e Lodi se despede com os seguintes comentários:

“Ferreira, quero que vocês façam uma grande escola e que sua fama corra de tal forma que, quando um pai no Amazonas disser que seu filho vai estudar Engenharia, os circunstantes aconselhem: mande-o para Florianópolis que está a melhor” (p. 73)

É claro que Ferreira Lima e a geração seguinte atenderam aos apelos do representante do MEC. Melhor dizendo, ultrapassaram em muito os melhores vaticínios. Os filhotes da Faculdade de Engenharia são os cursos de graduação e de pós-graduação, em diferentes modalidades das engenharias e abrigados no atual Centro Tecnológico. A qualidade do ensino é bem avaliada por instituições externas (CNPq e CAPES, principalmente) e seus cursos são sinônimos de inovação tecnológica e formação de excelentes profissionais.

A Chácara do Molenda

A Reitoria foi provisoriamente agasalhada pela antiga Faculdade de Direito, na Rua Esteves Júnior, nº 1, ocupando parte do Salão Nobre. Logo em seguida, ela foi transferida para a Rua Bocaiúva, nº 60, no centro de Florianópolis; atualmente, ela ocupa um enorme prédio na parte central do Campus Universitário. Nos áureos tempos de sua implantação,

o mobiliário da Reitoria se resumia em duas escrivaninhas, uma para o Secretário e outra para o Chefe de Gabinete, uma mesinha para o datilógrafo, um pequeno armário para os livros e algumas cadeiras. Visando proporcionar algum conforto e garantir o funcionamento da Reitoria, a Faculdade de Direito generosamente cedeu alguns móveis; o reitor conseguiu, junto à firma Machado e Cia., o empréstimo de uma máquina de escrever, a qual foi posteriormente adquirida com a vinda dos recursos da União. A UFSC estava nascendo.

A busca por um local mais adequado para instalar a reitoria teve início quase que imediatamente à posse do reitor Ferreira Lima. No final de Fevereiro de 1962, ela é transferida para a “Chácara do Molenda”, na Rua Bocaíuva, nº 60, no Centro de Florianópolis. A propriedade pertencia à Sra. Meta Zipzer, idosa que inicialmente pedira Cr\$ 42 mil pela propriedade; embora mal conservada, a casa era um verdadeiro palácio e valia muito mais que o preço estipulado. Ela tinha um rio canalizado, pontes de ferro e a beleza da vegetação se espalhava por um terreno de quase 20 mil metros quadrados – a propriedade foi preservada e até hoje quem passa pelo local se encanta com a sua exuberância.

A Chácara do Molenda era perfeitamente adequada para os propósitos de Ferreira Lima, mas a UFSC não dispunha do dinheiro para realizar a compra. Alguns dias depois, Friedrich Franzk, procurador da Sra. Zipzer, informou que o preço do fabuloso imóvel fora reduzido para Cr\$ 32 mil. O desconto era generoso, mas mesmo assim o montante era superior à quantia de que a UFSC dispunha. Sensibilizado com o desconto, Ferreira Lima abre o jogo e informa que o imóvel valia bem mais que o montante solicitado pela Sra. Zipzer, mas, infelizmente, a UFSC só dispunha de Cr\$ 25 mil para realizar a compra. O procurador achou muito baixo o valor da oferta e informou que, por simples dever do ofício, iria encaminhar a proposta à Sra. Zipzer. Após vários dias e quando todos já julgavam que a UFSC havia perdido o negócio, surge o Dr. Franzk notificando que a proprietária havia concordado com o negócio, exigindo que as despesas de transferência do imóvel ficassem aos encargos da UFSC. As taxas eram salgadas, mas o cartório do 1º Tabelionato de Stravos Kotzias concede um desconto, de modo que em 17 de Fevereiro de 1962 o imóvel é transferido para a UFSC. A Chácara do Molenda é imediatamente desocupada e é o próprio Ferreira Lima que descreve as mudanças:



Figura 2

A Sra. Meta Zipzer, em companhia de Ferreira Lima (mãos cruzadas) e pró-reitores, assina os documentos transferindo a chácara do "Molenda" para a UFSC.

“A mudança foi feita à noite por nós, minha mulher, meus filhos David, Paulo e Murilo e pelos amigos Dr. Aluizio e Professor Renato de Medeiros Barbosa, no nosso velho WV e numa Rural Aero Willys do primeiro. Numa simples viagem da Rua Esteves Junior para a Bocaiúva levamos todo o patrimônio da Reitoria de então, que era muito pouco: a máquina de escrever emprestada, já citada, alguns livros, o material de contabilidade e artigos de escritório. Colocamos tudo no chão, encostado à parede, na sala do primeiro andar da nova Reitoria onde funcionou, nos primeiros tempos, o Gabinete do Reitor” (p. 113-14).

O Campus Universitário

A reitoria foi instalada provisoriamente numa saleta da antiga Faculdade de Direito e logo é transferida para a Rua Bocaiúva, na magnífica propriedade que servia de residência para a Sra. Zipzer. As unidades continuavam espalhadas pela cidade de Florianópolis e o problema só foi solucionado com a transferência para o Campus Universitário da Trindade (1966). No local funcionava a Fazenda Assis Brasil, pertencente ao Estado e inicialmente destinada a abrigar uma universidade estadual, de acordo com o projeto inicial do Prof. Fontes. Não obstante isto, o Governador Heriberto Hülse (1958-61) transfere a propriedade para a União, permitindo a transferência da Reitoria e a instalação das unidades umas próximas das outras e em condições mais adequadas.

Fontes havia planejado a instalação da futura universidade estadual na Fazenda Assis Brasil, mas, mais tarde, quando o projeto se transformou numa instituição federal, Ferreira Lima enxergou sérios problemas para tal transferência. O local era (e ainda é) bonito, mas o terreno era alagadiço e não havia infra-estrutura adequada. O fornecimento de água e luz era precário, não havia coleta de esgoto e as estradas eram de barro; a parte central era uma espécie de caldeirão que acumulava as águas vindas dos morros circundantes, o que exigia obras de canalização, drenagem e um bom estaqueamento dos prédios. O bairro era distante e despovoado, verdadeiro santuário de insetos, cobras e de uma grande variedade de batráquios.

Entretanto, todos os problemas logísticos foram contornados e, hoje, a Trindade é um dos bairros mais prósperos e habitados de Florianópolis. Isso mostra o enorme poder aglutinador de uma instituição universitária.

A lei 3849 foi promulgada em 18 de Dezembro de 1960, mas a plena materialização da UFSC só ocorreu em 22 de Março de 1962. Entretanto, todos concordam que o marco inicial foi a assinatura do Presidente Juscelino Kubitschek (1902-76), a qual permitiu a aglutinação das faculdades então existentes e deu início ao planejamento da complexa estrutura administrativa. Os três personagens principais foram homenageados: o local onde posteriormente foi instalada a UFSC foi designado “Campus Universitário João David Ferreira Lima” e, logo na frente do prédio da Reitoria, podemos contemplar os bustos de Ferreira Lima e de Henrique da Silva Fontes (1885-1966), o idealizador do Campus Universitário e antigo colega de Ferreira Lima na Faculdade de Direito—o busto de JK foi colocado num pequeno jardim, próximo às escadarias no interior do prédio.

Os pioneiros da UFSC eram homens de ação e suas ações se coadunavam com o espírito da administração JK, o presidente bossa nova que governava “50 em 5 anos”. O exame dessas notas históricas permite concluir que basicamente existem duas categorias de administradores: aqueles que vivem se queixando da falta de recursos e esperam comodamente que surjam as circunstâncias favoráveis para a realização de seus projetos e outros, homens de espírito irrequieto e que agem com o pensamento voltado para o futuro, que constroem com suas próprias mãos o ambiente favorável aos seus projetos. Em outras palavras, os pertencentes à segunda categoria “fazem acontecer”.

A criação do departamento de Psicologia

Os anos iniciais

A Universidade Federal de Santa Catarina sempre foi a mais importante instituição universitária do estado, pois é ela que forma a elite intelectual (mestres e doutores), contribui para a preservação de sítios históricos e presta atendimento médico-hospitalar à população de quase todo o estado.

O pioneirismo, envolvimento em múltiplos projetos e produção científica e tecnológica são traços marcantes de uma instituição pública. No que diz respeito ao Departamento de Psicologia, professores e alunos prestam assistência à comunidade através do Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) e do Laboratório de Orientação Profissional (LIOP).

O Departamento de Psicologia é parte integrante do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), juntamente com os departamentos de Antropologia, Filosofia, Geociências, História e Sociologia e Ciência Política. O nome antigo dessa unidade era Centro de Ciências Humanas (CCH), mas ele foi modificado em 1991 por deliberação do Conselho Departamental. O ato ocorreu por ocasião do 40º aniversário da fundação da antiga Faculdade Catarinense de Filosofia (8 de Setembro/1951) e atendia a dois propósitos: preservar a especificidade do conhecimento filosófico e a origem histórica, uma vez que a Faculdade de Filosofia foi a *alma mater* da unidade. Com a implantação da Reforma Universitária (1970), durante a gestão do Prof. Roberto Mündell de Lacerda (1972-76), as antigas faculdades desapareceram, dando origem a uma nova estrutura administrativa formada por centros e departamentos. Os professores catedráticos se transformaram em professores-titulares, agora selecionados por provas e títulos por meio de concurso público. Foi nesse cenário que foi implantado o Departamento de Psicologia.

O Departamento de Psicologia foi instalado num anexo do Centro de Comunicação e Expressão (CCE), lá permanecendo até 1987. A administração e o SAPSI ficavam bem próximos, nos fundos, e o Laboratório de Psicologia Experimental foi instalado no andar térreo, quase contíguo ao saguão do CCE. O prédio do CCH foi concluído em 1987, ocasião em que o departamento foi transferido de local. A administração e as salas dos professores foram instaladas em barracões de bloco pré-moldado de alvenaria, com telhas de amianto. A Coordenadoria do Curso foi instalada no primeiro pavimento do prédio, onde atualmente funciona uma lanchonete; o Laboratório de Psicologia Experimental foi instalada no 3º piso, num local onde atualmente estão alocadas salas de aulas.

A improvisação permanece até os dias atuais, pois um terceiro prédio do CCH é finalizado em 1995, mas o Departamento de Psicologia continua espalhado e instalado em condições precárias. Com efeito, o setor administrativo e os professores passaram a ocupar todo o andar térreo deste novo prédio,

o que representou uma substancial melhoria, mas o SAPSI e o Laboratório de Psicologia Experimental continuam até hoje abrigados em barracões de madeira e de cobertura em zinco (i.e., muito calor no verão, muito frio no inverno). Os barracões foram doados pela ELETROSUL, os quais eram utilizados pelos operários e técnicos durante a construção de barragens no sul do Brasil. O tamanho é adequado, mas nada de bom podemos dizer sobre a estética (retangular e mais parecido com um mausoléu) e a qualidade do material de que são feitos os barracões. As placas de madeira chegaram em razoáveis condições, mas a ação do tempo proporcionou a infestação de cupins, goteiras e o apodrecimento das partes inferiores.

As placas de madeira se misturam com material inflamável e equipamentos elétricos, causando intranquilidade. Um outro problema diz respeito à segurança física e patrimonial, como foi demonstrado numa invasão no Laboratório de Psicologia Experimental (madrugada do dia 6 de Fevereiro/1997). Com efeito, o grupo *Animal Liberation Front* invadiu as nossas instalações e soltaram cerca de 80 sagüis, primatas de pequeno porte que eram utilizados em pesquisas na pós-graduação. O episódio foi noticiado nos principais jornais, telejornais e semanários do país (e.g., “Folha de São Paulo, “Jornal Nacional” e “Veja”) e deu origem a uma investigação realizada pela Polícia Federal. Os ativistas picharam as paredes do laboratório e enviaram cartas com ameaças e dizeres ofensivos, tais como “Morte aos torturadores” e “Ciência ou hipocre\$sia” (sic). O Laboratório de Psicologia Experimental e o SAPSI foram transferidos para os barracões, pois nós imaginávamos que as instalações eram provisórias, até que fosse elaborado um projeto para obtenção de recursos para a construção de um novo prédio do CFH. Quase 15 anos após a conversa, ainda estamos instalados em condições precárias e sequer temos idéia de quando se dará a mudança para instalações definitivas.

Os historiadores da psicologia geralmente delimitam suas análises em torno dos mais relevantes personagens e poucos discorrem, como fizeram Anita Cabral (1950) e Antonio Gomes Penna (1992), sobre as instituições que eles criaram ou tomaram parte (i.e., o Instituto de Psicologia, da USP, e a Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, atualmente UFRJ). O exame do surgimento e evolução de teorias e esquemas teóricos revelam muito sobre o arrojo intelectual de seus proponentes, mas por detrás de uma produção intelectual, medíocre ou notável, existem as instituições que dão suporte às inovações científicas e tecnológicas.

Interessantemente, nós não temos muitas dificuldades para identificar o nome do autor de uma importante descoberta, como o desenvolvimento do teste ABC realizado pelo grande educador M.B. Lourenço Filho (1897-1970). Dependendo da importância do feito, o nome do autor é consagrado com uma designação eponímica, como “condicionamento pavloviano” e “mal de Alzheimer”. Por outro lado, as pessoas facilmente se esquecem dos aspectos mais relevantes da história das instituições, pois estas estão sempre evoluindo e a obra muitas vezes acaba eclipsando o nome do criador. Os comentários a seguir são uma tentativa de explicar como surgiu o Departamento de Psicologia na UFSC e o papel desempenhado pela Profa. Emiliana nesse empreendimento.



Figura 3

Dona Emiliana em companhia (a partir da esquerda) de Gaspar Erich Stemmer (Reitor, 1976-80), Roldão Consoni (Vice-Reitor) e Volney da Silva Millis (Pró-Reitor), durante a cerimônia de inauguração do Serviço de Atendimento Psicológico (1977).

Os antigos professores

Os professores que ministravam aulas de psicologia, em outros cursos de graduação, foram designados para compor o departamento. Três eram oriundos do Departamento de Ciências Pedagógicas e os outros três, do Departamento de Filosofia. Os professores do primeiro grupo eram Emiliana Maria Simas Cardoso da Silva (Professora Titular), Ecy Lima Barreto (Professora Assistente) e Mara Coelho de Souza Lago (Professora Auxiliar) e, do segundo grupo, Lydio Martinho Callado (Professor Titular), Roberto Caetano Castiglia (Professor Assistente) e Walmor Cardoso da Silva (Professor Auxiliar). A liderança desse grupo e a responsabilidade na criação do curso de graduação de Psicologia foram naturalmente desempenhadas pela Profª. Emiliana.

Três importantes pioneiros haviam se formado no curso de Direito, na antiga Faculdade de Direito que era dirigida por Ferreira Lima: Lydio (1949), Walmor (1951) e Emiliana (1956) – os dois últimos são casados e atuaram juntos, até a aposentadoria, na consolidação do Departamento de Psicologia. Emiliana e Castiglia também contribuíram na criação da Sociedade Brasileira de Dinâmica dos Grupos: ela foi vice-presidente na primeira diretoria (1986) e Castiglia pertenceu à Comissão de Divulgação dos Grupos de Especialistas em Desenvolvimento Interpessoal (1983), o embrião da referida sociedade. O Prof. Lydio (1919-2000), o mais idoso entre os pioneiros, atuava na antiga Faculdade de Filosofia desde a década de 1950. Ele foi redator do jornal “A Gazeta” e detinha uma cadeira na Academia Catarinense de Letras. Embora não tivessem formação específica na área, todos eles exibiam genuíno interesse em Psicologia.

Emiliana fora lotada inicialmente no Departamento de Ciências Pedagógicas, onde tivera oportunidade de, pela primeira vez, assumir um cargo administrativo (Chefe de Departamento, Portaria 120/67). Em seguida, ela é transferida para o Departamento de Psicologia, onde surge espontaneamente o desejo de se criar um curso de graduação em Psicologia, alimentado pela insatisfação dos alunos de outros cursos, principalmente de Filosofia e Pedagogia. Ocorrem reuniões, mas elas não avançam para algo mais concreto. O chefe do Departamento de Psicologia era o Prof. Lydio e os demais professores ministravam aulas nos cursos de Filosofia, Pedagogia e todas as licenciaturas. No momento em que a chefia passa às mãos de Emiliana,

surge uma segunda tentativa para a realização desse sonho. Com efeito, ela organiza um seminário e mobiliza todos os professores para debaterem a proposta de criação de um curso de graduação em Psicologia.

O Departamento de Psicologia contava com 13 professores (cinco deles tinham o registro de psicólogo). Grupos de trabalho foram criados para avaliar a demanda social por psicólogos (i.e., número de alunos matriculados no 2º Grau e as empresas que contratavam psicólogos). Profissionais que atuavam em Santa Catarina também foram consultados, através de questionários, para manifestarem suas opiniões e impressões sobre a criação do curso de graduação em Psicologia. Alguns se manifestaram desfavoráveis ao projeto de Dona Emiliana, alegando que aquilo era muito complexo e demandava enormes recursos orçamentários. Os argumentos contrários eram consistentes, é claro, mas o resultado dos debates e o exame das diferentes opiniões revelaram que o projeto não somente era desejável, mas também necessário. Os sub-reitores também participaram dos seminários e das inúmeras discussões e concluíram que o projeto era perfeitamente viável, embora complexo.

Os esforços proporcionaram o ambiente favorável à implantação do curso de graduação em Psicologia e é justamente aí que foram reveladas a importância da teimosia e operosidade dos dois atores principais: Dona Emiliana e o reitor Caspar Erich Stemmer. Mesmo diante das dificuldades e como consequência dos debates, Stemmer designa Emiliana Maria S.C. da Silva, Roberto Caetano Castiglia, Mara Coelho Lago e Vera Lucia Rocha para promoverem a implantação do curso de graduação em Psicologia na UFSC (Portaria nº 894/76, de 31 de Agosto/1976). Sob a presidência de Dona Emiliana, a comissão ficou encarregada de informar a Stemmer sobre as implicações orçamentárias, o número de docentes a serem contratados e, é claro, elaborar a complexa estrutura curricular e o número de vagas a serem ofertadas. O relatório foi bastante detalhado e, logo nos primeiros parágrafos, já informava a quase inexistência de psicólogos em Santa Catarina: somente 15 profissionais eram registrados, somente seis deles eram nativos do estado.

Ainda em 1976, o Projeto de Implantação foi concluído. Uma vez que era necessário um setor de atendimento clínico, o Projeto de Implantação do Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) ficou aos encargos de Vera Lúcia Rocha e da própria Emiliana; a Coordenação de Ensino fica por conta da Profa. Mara Lago (Professora-Titular, a única do antigo grupo que se encontra em atividade).

O curso de graduação em Psicologia foi implantado oficialmente em 1977, com o apoio e incentivo do reitor Caspar Erich Stemmer (1976-80) – a Profa. Emiliana ressalta que o apoio de Stemmer foi fundamental para o sucesso do empreendimento, pois as dificuldades eram enormes e os pioneiros estavam tateando no escuro. O SAPSI iniciou suas atividades no segundo semestre de 1977 e o primeiro vestibular garantiu a entrada dos futuros psicólogos em Março/1978.

Quem é Dona Emiliana?

Trata-se de uma figura de destaque na história da UFSC. Uma das fundadoras do Departamento de Psicologia, foi ela quem implantou o curso de Psicologia e, por extensão, a pessoa que mais contribuiu para a consolidação desta profissão no estado de Santa Catarina. Emiliana Maria Simas Cardoso da Silva, o seu nome completo, foi contratada em 12 de Março de 1960, antes da aglutinação das antigas faculdades que deram origem à UFSC, e se aposentou em 23 de Abril/1996 – ato apenas formal, pois ela continua ainda em plena atividade. Funcionários e professores mais antigos e mais próximos a chamam de Dona Emiliana – tratamento respeitoso, intimista e diferenciador. As pessoas que tiveram o privilégio de conviver com ela, ressaltam a sua inteligência, vivacidade e espírito aglutinador. Outra curiosidade: Emiliana e Walmor são casados desde 21 de Dezembro de 1957 e até hoje atuam juntos em atividades acadêmicas.

A sua carreira professoral foi iniciada no Colégio Coração de Jesus e, como professora substituta do Prof. Henrique Stodieck, para ministrar aulas de sociologia no Instituto de Educação. Lydio era formado em Direito, mas era responsável pela disciplina “Psicologia” na Faculdade Catarinense de Filosofia – o Prof. Walmor fora seu aluno na primeira turma (1955). Em razão de seu interesse, Lydio fora encaminhado pelo SESI ao Rio de Janeiro para adquirir treinamento no uso e aplicação de testes psicológicos. Ele foi recebido por Emilio Myra y Lopez (1896-1964), antigo professor da Universidade de Barcelona que criara em 1947 o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), órgão da Fundação Getúlio Vargas. A criação do ISOP visava a formação de especialistas em Psicologia Aplicada e foi o pioneiro na elaboração dos conhecidos testes psicotécnicos (Psicodiagnóstico Miocinético ou PMK, criado por Mira y Lopez), os quais foram desenvolvidos para avaliar os candidatos a condutores de veículos (Pfromm Netto, 1979).

Dona Emiliana nasceu em Florianópolis e por 12 anos fora aluna no Colégio Coração de Jesus. Ela era bem conhecida das irmãs que dirigiam a instituição. Ao finalizar os estudos colegiais, motivos familiares a conduzem à Porto Alegre, onde aproveita a oportunidade para dar início ao curso de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica (PUCRS). Em seguida, ela retorna à Florianópolis e a Irmã Maria Tereza, amiga de sua família, a convida a ministrar aulas de psicologia no Colégio Coração de Jesus. Conforme o seu depoimento, nessa ocasião ela acumulava as aulas com a função de Psicólogo Escolar.

Outro personagem interessante na história do Departamento de Psicologia é o Prof. Castiglia. Ele era oficial do Exército e, ao atingir a patente de major, lhe fora dada a oportunidade de se transferir para Florianópolis, onde chegara no início de 1965. Castiglia concluíra o curso de Psicologia em Porto Alegre e passou a se dedicar integralmente à profissão, após ter ingressado na reserva (1968). A colaboração com a UFSC era voluntária, mas em 1 de Janeiro/1968 ele é integrado formalmente aos quadros da nossa instituição.

O seu interesse era variado, pois Castiglia aplicava testes psicológicos, dava orientação vocacional, prestava consultoria a empresas e oferecia cursos de relações humanas à comunidade; numa ocasião, ele atuava num programa semanal de TV. Ao chegar à Florianópolis, ele foi prontamente acolhido por Lydio e Emiliana; o Prof. Paulo Lago, então diretor da Faculdade de Filosofia, lhe proporcionou as condições materiais necessárias ao seu trabalho. Com a ajuda de Helena Anna de Souza, a saudosa Secretária do Departamento de Psicologia por muitos anos, Castiglia criou um setor de orientação vocacional. Dona Helena, como todos a tratavam, recebia as pessoas, agendava as consultas e cuidava dos fichários. O setor funcionou no andar térreo do prédio do Centro de Comunicações e Expressão, onde posteriormente foi instalado o Laboratório de Psicologia Experimental.

Castiglia era um homenzarrão, palavroso e era bem conhecido pela verve e bom humor. Ao final da vida, ele teve que instalar um marca-passo para corrigir uma deficiência cardíaca e acabou sendo vitimado por tal enfermidade. Ele foi a pessoa que criou o primeiro serviço de Psicologia Aplicada em Santa Catarina. Por seu turno, Dona Helena era formada em Filosofia/1955 e tinha tudo para ser efetivada no quadro de professores, mas optou pelo exercício de funções administrativas no Departamento de Psicologia.

Ela permaneceu por muitos anos como Secretária e todos a tinham em grande apreço – ela nunca se esquecia de telefonar a cada professor, congratulando-os pelos aniversários. Castiglia e Dona Helena eram criaturas bem diferentes, mas igualmente encantadoras. Interessantemente, os dois faleceram no mesmo ano (2005), mas o Departamento de Psicologia só tomou conhecimento do fato muitos dias depois. Coisa deplorável.

Dona Emiliana também foi um dos fundadores da Universidade Para o Desenvolvimento de Santa Catarina (UDESC), participou de vários congressos e foi membro de importantes sociedades científicas. Como representante da UFSC, ela presidiu os trabalhos de uma comissão especial do Conselho Federal de Psicologia, cujo objetivo era definir os termos da lei que regulamentava o exercício da atividade (conforme Ata nº 86, 12 de Novembro/1979). Ela se aposentou em 23 de Abril de 1996, mas continua a participar da vida acadêmica (e.g., bancas examinadoras, congressos e orientação de alunos). Com efeito, ela, Walmor e a filha, Maria Alexandra, também psicóloga, atuam como professores-colaboradores do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), criado em 1983 e ligado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão (PRCE/UFSC).

O NETI deu importantes contribuições para a criação do estatuto do idoso e promove atividades dirigidas aos idosos, como cursos de vivência corporal, educação ambiental e gerontologia. As reuniões do grupo são prestigiadas por autoridades da UFSC e da cidade. Em 3 de Dezembro de 2004, o NETI forma uma nova turma no curso de Formação de Monitores de Ação Gerontológica; a cerimônia lotou o auditório da reitoria, ocasião em que os três foram homenageados pelos formandos. Por ocasião das comemorações dos 35 anos da regulamentação da profissão, o Conselho Regional de Psicologia lhe ofereceu uma placa metálica, como “homenagem a quem contribuiu para a construção da Psicologia em Santa Catarina” (27 de Agosto/1997). O Departamento de Psicologia também não se esqueceu de sua importância, pois igualmente promoveu um encontro formal para homenagear a figura mais importante da Psicologia em Santa Catarina.

Dois depoimentos de Emiliana ocorreram ao final de suas atividade junto ao NETI; um terceiro foi realizado no SAPSI, durando mais ou menos 3h de duração. Dona Emiliana impôs uma exigência ao editor da Revista de Ciências Humanas: não mencionar a sua data de nascimento. Tal exigência revela um aspecto da alma feminina, mas também pode ser uma

característica de uma mente vivaz e ainda cheia de energia, incompatível com os anos vividos. Quem quiser saber algo desse pequeno detalhe, que procure em outras fontes.



Figura 4

Dona Emiliana cumprimenta a renomada Zerka Toeman Moreno (sentada) no "Grupo de Vivência Psicodramática" (Porto Alegre/RS, de 24 a 26 de Outubro/1978).

A consolidação do Departamento de Psicologia

Um marco importante na história da psicologia no Brasil foi a promulgação da lei nº 4119/1962, a qual passou a regulamentar os cursos de graduação e o exercício da atividade profissional – o Conselho Federal de Psicologia e os conselhos nos estados surgiram em 1971 (lei 5766, regulamentada pelo Decreto 79822/77). Mesmo com a promulgação da lei, a implantação de um curso de graduação em Psicologia não era algo simples, como pode ser visto nos relatos do Prof. Penna (1992). O curso da UFRJ foi criado em 1964 e os professores enfrentaram sérias dificuldades quando ofertaram aos alunos a disciplina “Teoria e Técnicas Psicoterápicas”. Os professores da Faculdade de Medicina entenderam que a disciplina era “estritamente médica”, de responsabilidade dos médicos e o acesso deveria ser restrito aos alunos matriculados no curso de medicina. No momento em que debatemos a recente proposta de subordinação dos profissionais da área da saúde aos médicos (também conhecida como “Ato Médico”), é muito pertinente que tenhamos conhecimento sobre as vicissitudes enfrentadas pelos pioneiros quando foram implantados os departamentos e cursos de graduação em Psicologia.

No final dos anos 1950, surgiram três cursos de graduação: na Universidade de São Paulo e nas Pontifícias Universidades Católicas (São Paulo e do Rio Grande do Sul). Antes da regulamentação da profissão, os profissionais eram conhecidos como psicologistas (forma correta, levando em conta o sufixo *ista* que se encontra presente nas expressões farmacologista e economista, por exemplo). A psicologia passou da fase “normalista” para a era universitária, pois desde 1921 que muitas Escolas Normais tinham Psicologia como uma de suas disciplinas (Cabral, 1950; Pfromm Netto, 1979). Em 1953, é realizado em Curitiba o I Congresso de Psicologia; nesse mesmo ano também é criado o primeiro periódico científico: “Arquivos Brasileiros de Psicotécnica” (atualmente, “Arquivos Brasileiros de Psicologia”).

A partir da criação do Departamento de Psicologia na UFSC, um concurso público permite a contratação dos professores Célia Iracema Kuerten Ribeiro (25 de Março/1971), Lea Lamego Rosa (1 de Agosto/1972), Maria Zita Koerich D’Ávila (16 de Agosto/1971) e Mareli Cunha Garcia (1 de Agosto/1971), esta já possuía o título de graduação em Psicologia. Os pioneiros que construíram o Departamento de Psicologia ostentavam duas características interessantes: a predominância de colegas com formação em Pedagogia e autodidatas, o que é plenamente compreensível,

pois existiam poucos cursos de graduação na época, e a grande porcentagem de professores do sexo feminino (70%, proporção que basicamente persiste até 1990).

O Departamento de Psicologia cresceu bastante e chegou a ter 48 professores, conforme o catálogo de 1987. Após isso, muitos colegas se aposentaram ou faleceram, como Roberto C. Castiglia e Lydio M. Callado; entre os pioneiros, somente a Profa. Mara Lago continua em atividade. Houve uma diminuição substancial no número de professores (40 efetivos, atualmente) e a proporção dos dois sexos é mais ou menos equilibrada. O encolhimento do corpo docente foi algo bastante negativo, pois houve um aumento substancial das atividades, em razão da ampliação do número de alunos e criação de novos laboratórios e núcleos de pesquisa. Nesse período foi criado o Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Mestrado e Doutorado) e os professores foram ainda mais sobrecarregados com novas disciplinas, orientação de alunos e as inevitáveis pressões para publicarem *papers* e mais *papers*. Atualmente, vivemos no pior mundo possível: os encargos funcionais e as pressões por maior eficiência acadêmica aumentaram, mas o tamanho do corpo docente encolheu e todos nós padecemos os efeitos do “enxugamento da máquina administrativa”.

Um curso de graduação em Psicologia necessita de grandes investimentos e um bom número de professores. Ele já nasce grande e dispendioso, pois a carga didática é enorme e as exigências formais impõem a criação de laboratórios de Psicologia, Anatomia e Fisiologia (os dois últimos situados no Centro de Ciências Biológicas), além de uma clínica-escola (o SAPSI). Inicialmente, o número de professores era bastante reduzido e poucos tinham sequer o título de mestre; os novos concursos ampliaram o quadro e os novos professores já vinham com títulos de pós-graduação *stricto sensu* e eram, majoritariamente, formados em Psicologia. O contato dos construtores do departamento com os novos professores, os quais vinham de outros estados e ostentavam sotaques diferentes, gerou mútuos estranhamentos. O problema foi agravado pela inabilidade no gerenciamento desses conflitos, de modo que o problema acabou resultando na designação de um interventor para o Departamento de Psicologia.

Os antigos professores não tinham formação em Psicologia e eram genericamente conhecidos como “os pedagogos”; eles não estavam habilitados ao uso do instrumental psicológico (testes, técnicas de aconselhamentos e

intervenção psicoterápica), de modo que os desentendimentos iriam aflorar em algum momento, variando apenas na intensidade. O problema ganha uma nova dimensão com a eleição de um novo Chefe do Departamento, pois as divergências acabam se somando às necessidades de contratação de mais professores. Toda a equipe administrativa renuncia ao cargo e, coisa inusitada, o Departamento de Psicologia sofre intervenção da Reitoria. Com efeito, o Prof. Octacílio Schüller Sobrinho (1937-2006), do Departamento de Ciências Sociais, unidade do antigo Centro de Ciências Humanas, foi encarregado de tal tarefa. Ele era formado em Economia e Direito, fora aluno da Escola Superior de Guerra (turma 1982) e havia desempenhado importantes funções administrativas na UFSC e em outras instituições.

O espírito conciliador e competência administrativa do Prof. Schüller acalmaram os ânimos. Foram abertos novos concursos e a ampliação do quadro contemplou os anseios dos professores. As animosidades entre os antigos e os novos professores desapareceram com o tempo – vários colegas se aposentaram, outros simplesmente se acalmaram ou ganharam temperança. O Prof. Schüller fora membro atuante da Maçonaria (Grão-Mestre por duas vezes) e escrevera alguns livros importantes, entre os quais destacamos o curioso “Psicanálise na Maçonaria” (2005). Ele também foi membro da Academia Desterrense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Schüller era uma pessoa extremamente afável e apreciava as discussões sobre temas literários. Ele sofria de graves problemas cardíacos, mas uma infecção generalizada o conduziu, aos 68 anos, ao descanço final. Em 2006, a Câmara Municipal lhe outorgou *in memoriam* a Medalha de Mérito do Município de Florianópolis.

A leitura desses comentários promove uma questão: quais são as principais características de um líder? O líder é aquele que consegue encaminhar adequadamente as soluções de problemas. A inteligência é importante, mas por si só não explica a vocação para a liderança. É necessário que o líder atue em momentos decisivos e ponha toda a sua energia, senso de dever e clarividência em prol da coletividade. O líder natural é uma pessoa energética e transmite aos circunstantes a noção de que, diante dele, os problemas se apequenam. Se o líder une todas essas propriedades à empatia, o céu é o limite. Em seu depoimento, algumas vezes a Profa. Emiliana disse ao Editor da Revista de Ciências Humanas que tivera sorte na vida: as irmãs do Colégio Coração de Jesus lhe deram o suporte intelectual no início da carreira.

O saudoso Prof. Henrique da Silva Fontes tivera oportunidade de, por acaso, assistir a defesa de sua dissertação e percebera a sua vocação genuína para as atividades professorais. A partir disso, ela é convidada a ministrar aulas de Psicologia e Sociologia, um grande desafio para a jovem recém-formada. Emiliana elogia bastante o Prof. Stemmer, pois ele abraçara por completo a idéia de implantação do curso de Psicologia e lhe incentivara a seguir adiante com a complexa tarefa de criar um novo curso de graduação na UFSC.

Um departamento completo

O curso de graduação é consolidado e, em seqüência, vários professores do nosso departamento passam a colaborar com programas de pós-graduação da UFSC, como Engenharia de Produção (Centro Tecnológico), Neurociências e Comportamento (Centro de Ciências Biológicas), Enfermagem (Centro de Ciências da Saúde), Administração de Empresa (Centro Sócio-Econômico) e Educação (Centro de Educação). Em 1993, é oferecido o Curso de Especialização em Psicologia da Comunicação, contando com a participação dos professores Brígido Vizeu Camargo, Clélia Maria Nascimento Schulze (aposentou-se em 2003), Emiliana M.S.C. da Silva, Rogério F. Guerra, Rosa Cristina Monteiro (transferiu-se para a Universidade Rural do Rio de Janeiro em 1991), e Sérgio Scotti. A especialização *lato sensu* foi coordenada pela Profa. Clélia, mas foi oferecido uma única vez.

A participação dos professores em programas de pós-graduação *stricto sensu* e a oferta de um curso de especialização parece que promovem a autoconfiança dos nossos colegas, pois algum tempo depois é criado um programa de pós-graduação *stricto sensu*. Em consequência dessa experiência, foi criado o Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Resolução 57/CEPE, 6 de Dezembro/1994), o qual foi reconhecido pela CAPES/MEC (Portaria 132, 2 de Fevereiro/1999). Inicialmente, o programa só contemplava o nível Mestrado, mas algum tempo depois são abertas as inscrições aos candidatos ao título de Doutor (Portaria 2609, 25 de Agosto/2004). Quem assumiu a primeira coordenação do programa foi a Profa. Mara Lago.

Santa Catarina conta, atualmente, com várias instituições universitárias, públicas ou particulares (e.g., UDESC, FURB, Unisul e Univali). Em razão de seu pioneirismo, a UFSC influenciou a criação dessas instituições,

seja formando muitos de seus professores, seja oferecendo um modelo de funcionamento baseado na excelência acadêmica. O nosso estado é conhecido por suas belezas naturais, educação de seu povo e, de modo geral, qualidade dos serviços públicos. A UFSC tem atraído muitos alunos e professores de outras regiões, o que confere um certo ar cosmopolita ao ethos acadêmico e permite antever um futuro bastante alvissareiro.

Olhando à distância e numa perspectiva *ex post facto*, parece ser uma tarefa simples a identificação dos erros e acertos cometidos na criação do Departamento de Psicologia e de seu curso de graduação. Entretanto, devemos reconhecer que a tarefa foi complexa e não existia algo similar em Santa Catarina que pudesse servir de modelo. Várias cursos de graduação foram implantados posteriormente e estes copiaram o modelo da UFSC, sem contar que muitos dos nossos ex-alunos atuam em diversas instituições espalhadas por Santa Catarina. A coragem da Profa. Emiliana e o apoio do Prof. Stemmer foram elementos fundamentais para a existência de tudo o que existe atualmente, seja bom ou ruim.

Ao finalizar este texto, o Departamento de Psicologia foi brindado com duas boas notícias. Com efeito, o Chefe do Departamento notificou a todos que o curso criado por Dona Emiliana fora classificado pelo Guia do Estudante (Editora Abril, 2007) com a pontuação máxima de cinco estrelas. O bonito diploma foi recebido em razão da alta qualificação do corpo docente e a existência de uma boa estrutura de apoio às atividades estudantis (i.e., bibliotecas, laboratórios e o acesso aos bancos de dados *online*). A segunda boa notícia foi a melhoria do desempenho do nosso Programa de Pós-Graduação junto à Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC). O programa havia sido anteriormente classificado no nível 4, mas subiu para 5 na última avaliação (meados de Outubro/2007) – a pontuação varia de 1 à 7, de modo que o status subiu de “bom” para “muito bom”. Somando tudo isso, nós não podemos deixar de parabenizar Dona Emiliana pelo seu legado na UFSC – é dos frutos que conhecemos a árvore!

Comentário final

A construção dessas notas históricas foi baseada em várias informações, extraídas de publicações oficiais da UFSC, documentos do Departamento de Psicologia e depoimentos de antigos professores e funcionários.

O Prof. José Baus havia realizado uma entrevista com a Profa. Emiliania e um de seus orientandos, o ex-aluno de graduação Célio Vanderlei Morais, coletou algumas informações a respeito do Prof. Roberto Caetano Castiglia. Muitas informações contidas nesses documentos auxiliaram a elucidar o percurso intelectual dos dois pioneiros da psicologia em Santa Catarina. Por último, informamos que os dois professores que assinam este texto atuam no Departamento de Psicologia desde 1985 e, portanto, tiveram oportunidade de interagir pessoalmente com os professores que construíram ou auxiliaram na construção do Departamento de Psicologia. Para evitar falhas mnemônicas e algum viés nos julgamentos, o texto foi discutido com alguns professores e muitos comentários foram incorporados nas discussões.

Referências bibliográficas

Cabral, A.C.M. A psicologia no Brasil. *Boletim de Psicologia*, CXIX(3): 9-51, 1950.

Consoni, R. *Fundação da Faculdade de Medicina de Santa Catarina*. Florianópolis: EDUFSC, 2005.

Fontes, H. da S. *Pensamentos, palavras e obras*. Florianópolis: Edição do Autor, 1960.

Lima, J.D.F. UFSC: sonho e realidade. Florianópolis: EDUFSC, 2000.

Lourenço-Filho, M.B. A psicologia no Brasil. In: Fernando de Azevedo (Org.): *As ciências no Brasil* (pp. 301-43). Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

Madeira, A.A. & Rosa, J.E. O curso de Odontologia do Instituto Polytechnico. *Revista Catarinense de Odontologia*, 5(2): 7-17, 1978.

Madeira, A.A. & Rosa, J.E. O curso de Odontologia da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina. *Revista Catarinense de Odontologia*, 6(2): 9-20, 1979.

Massimi, M. *História da psicologia brasileira*. São Paulo: EPU, 1990.

Penna, A.G. *História da psicologia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Pfromm-Netto, S. A psicologia no Brasil. In: Mario G. Ferri & Shozo Motoyama (Orgs.). *História das ciências no Brasil* (pp. 235-76). São Paulo: EDUSP e EPU, 1979.

Rosa, J.E. & Madeira, A.A. Instituto Polytechnico – primeira instituição de ensino superior no Estado de Santa Catarina. *Revista Catarinense de Odontologia*, 5(1): 30-40, 1978.

Rosa, J.E. & Madeira, A.A. A fundação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina – antecedentes e funcionamento. *Revista Catarinense de Odontologia*, 6(1): 7-20, 1979.

Depoimento

Os anos iniciais do curso de graduação em Psicologia

Este depoimento foi dado por Carlos Augusto Monguilhott Remor, Professor-Adjunto do Departamento de Psicologia da UFSC. O Prof. Remor, mais conhecido como Tuto, é um filho genuíno da UFSC. Ele foi aluno da primeira turma do curso de graduação em Psicologia e teve contato direto com Dona Emiliana, Castiglia e Lydio. O seu relacionamento com a UFSC é mais amplo ainda, pois ele cursou o antigo Científico no Colégio de Aplicação (concluído em 1977), unidade pertencente ao Centro de Educação. Possuidor de uma formação acadêmica heterogênea, Tuto cursou o Mestrado em Letras/Literatura (Centro de Comunicação e Expressão, concluído em Setembro/1996) e o Doutorado em Engenharia de Produção (Centro Tecnológico, concluído em Maio/2002) – a tese defendida tinha o seguinte título: “Da Hermenêutica à Psicanálise”. Atualmente, ele é o Chefe do Departamento de Psicologia. Muitos colegas desconhecem a origem de seu apelido, mas ele esclareceu as dúvidas logo no início. Diz ele:

Meus familiares me diziam que, quando eu era pequeno, eu não conseguia pronunciar corretamente o nome Carlos Augusto, repetindo quando solicitado a forma abreviada e adulterada ‘Cal Tuto’. Todos achavam graça e isso acabou inspirando o apelido familiar Tuto.

Quando eu iniciei os anos escolares, meus colegas me chamavam de Carlos, mas gradativamente acabou prevalecendo o apelido; algo parecido aconteceu quando eu ingressei no curso de Psicologia, mas o meu nome verdadeiro acabou sendo preterido em relação ao apelido. Hoje, mesmo no contexto profissional, todos me conhecem como Tuto.

O seu depoimento serviu a dois propósitos: ilustrar alguns aspectos não-documentado da consolidação do nosso curso de graduação e fornecer detalhes sobre a personalidade dos pioneiros da psicologia em Santa Catarina. A conversa com o Editor da Revista de Ciências Humanas foi gravada e ocorreu em dois momentos, consumindo cerca de 3h. O material foi editado e enviado ao depoente para certificar se tudo estava de acordo com seu pensamento.

Rogério F. Guerra

Editor da Revista de Ciências Humanas

Algumas perguntas

Revista de Ciências Humanas – Como foram os primeiros anos do curso de graduação em Psicologia?

Tuto – Foram anos bastante curiosos. Eu pertencia a primeira turma do curso de Psicologia e desde o curso Científico eu já exibia interesse em estudar psicologia, embora o curso fosse inexistente em Santa Catarina. Eu estudei no Colégio de Aplicação (1971 a 1977) e almoçava no Restaurante Universitário (o RU era pequeno e só existia a ala A). No 3º ano do Científico, eu apresentei o trabalho “A evolução da sexualidade” na Semana de Estudos e Debates Científicos do Colégio de Aplicação (Julho de 1977); eu lia e colecionava a “Enciclopédia Ego”, da Editora Abril, e também me interessava pela obra de Sigmund Freud (1856-1939). Eu conversava muito com meus colegas sobre esses temas e já exibia interesse por Psicologia Clínica. Uma vez que não existia nenhum curso de Psicologia em Santa Catarina, eu pretendia ingressar no curso de Medicina para, mais tarde, realizar a especialização em Psiquiatria.

No momento da inscrição no vestibular, eu tive a surpresa de constatar que a UFSC estava ofertando um novo curso de graduação: Psicologia. Eu me inscrevi nessa modalidade e tive a satisfação de entrar na primeira turma, iniciando em Março/1978. Tal como ocorre atualmente, eram ofertadas vagas para o primeiro e segundo semestre.

RCH – A implantação do curso de Psicologia representou um notável avanço para Santa Catarina, mas o corpo docente não tinha experiência nesse tipo de empreendimento. Descreva o modo como os professores interagiam com os alunos.

Tuto – As turmas eram pequenas, compostas por 30 alunos. Os alunos recebiam atenção especial, pois pertenciam à primeira turma e os professores não tinham nenhuma experiência com um curso dessa natureza. De certa forma, nós éramos mimados e recebíamos tratamento especial. Lembro-me que a disciplina Psicologia Geral despertou bastante o interesse da turma. Com o seu jeito animado, a Prof. Emiliana relatou as novidades da disciplina e informou que somente 12 psicólogos atuavam em Santa Catarina. Todos ficaram empolgados e, lembro-me muito bem, eu disse para a Emiliana que algum dia eu “sentaria naquela cadeira” – confesso que as minhas palavras foram pretensiosas, mas eu só queria dizer que eu iria seguir a carreira acadêmica. Com efeito, parece que tudo acabou se encaminhado naquela direção, pois eu fui o primeiro aluno do curso a entrar para o quadro de professores do Departamento de Psicologia (eu fui aprovado num concurso público, comecei a ministrar aulas em Julho/1985 e fui efetivado em Dezembro/1985).

RCH – ... e o relacionamento dos alunos com os professores? Quais eram os temas que alimentavam os debates?

Tuto – Como eu lhe disse anteriormente, as turmas eram pequenas e todos se conheciam. Começamos com 30 alunos, mas somente 23 deles chegaram ao final do curso. Alguns colegas eram extremamente empolgados, como eu, e outros, não tanto. Os alunos tinham muito respeito e buscavam o socorro dos professores em momentos de dúvidas. Um outro ponto positivo era interdisciplinaridade e heterogeneidade do corpo docente, pois os antigos professores tinham formação acadêmica variada (advogados, filósofos, pedagogos e, é claro, psicólogos). Lembro-me de um episódio curioso, relacionado com a leitura do livro “O mito da liberdade”, de B.F. Skinner (1904-90),

exponente do behaviorismo radical. O livro argumentava que não havia liberdade alguma e que todos nós éramos regulados pelas contingências ambientais; havia um certo conflito com o que era ministrado nas disciplinas “Antropologia Filosófica” e “Escolas Psicológicas I”, de forma que ficamos bastante desorientados sobre o assunto. Temos ou não temos liberdade? A turma resolveu pedir socorro à Profa. Emiliana, a qual esclareceu que a discussão visava ampliar o nosso discernimento crítico e que nada impediria que agíssemos de acordo com nossas convicções, independentemente de serem corretas ou falsas. Um outro episódio revelador do respeito que tínhamos pelos professores envolveu Marcos Goursand de Araújo, o primeiro professor do Departamento de Psicologia que obteve licença para finalizar o doutoramento. Ao retornar de seus estudos, nós o procuramos para saber as novidades do curso, mas ele não informou muita coisa – ou, dito de outra forma, o que ele contara não saciou a nossa curiosidade. Houve um certo conflito entre o Prof. Marcos e a turma, dando surgimento a uma prova difícil e excessos verbais por parte dos alunos. No final, os ânimos foram apaziguados e todos nós pedimos desculpas formais ao referido professor. Por último, vale a pena ressaltar que nós tínhamos aulas aos sábados, das 08h20min. às 12h00min. e com sala cheia; ao final, íamos com os professores para degustar uma feijoada. Como v. pode perceber, o relacionamento professor-aluno era fraterno e havia respeito entre as partes.

RCH – Descreva as personalidades dos antigos professores.

Tuto – Os três personagens mais importantes da história do Departamento de Psicologia eram bem diferentes. Emiliana era uma figura apaixonante e meu relacionamento com ela pode ser descrito como “um amor à primeira vista”; ela era uma pessoa fabulosa que liderava o grupo e a minha admiração por ela dura até hoje. Eu era um aluno bastante questionador e não me contentava com superficialidade. Numa ocasião, a Profa. Vera Rocha, responsável pela disciplina “Dinâmica de Grupo” informara ao departamento que não iria ministrar a disciplina, em razão da minha presença na classe. Dona Emiliana interveio, informando à Profa. Vera que o tal aluno era “boa gente” e que não traria problema algum para a disciplina. Quem me contou essa história foi a própria Vera – ao final da disciplina, ela me congratulou como sendo o melhor aluno do curso. No que diz respeito ao Prof. Lydio, ele era uma pessoa muito reservada e bastante respeitada pelos alunos.

Ele pertencia à Velha Guarda e, entre os três pioneiros, era o que contava mais idade. Por último, Castiglia era uma figura que encantava os alunos, pelo bom humor e qualidade das aulas. Ele era alegre e bonachão, mas tinha conteúdo e se empenhava com amor ao curso. Uma das atividades de sua disciplina era a visita à Colônia Santana, onde tínhamos contato direto com os pacientes; cada aluno acompanhava um paciente, ficando com a responsabilidade de descrever o caso e elaborar um diagnóstico da enfermidade mental. Os alunos eram alertados acerca das imagens terríveis que iriam ver, pois elas típicas de um hospital psiquiátrico.

RCH – As visitas fomentavam discussões sobre formas de tratamento e diagnósticos das enfermidades mentais?

Tuto – Sim, discutíamos muito antes, durante e após as visitas. Alguns pacientes rasgavam as roupas e andavam nus pelos corredores e outros defecavam onde lhes fosse mais conveniente, o que proporcionava a falsa impressão de desleixo e negligência dos profissionais da Colônia Santana. Castiglia alertava que os pacientes deveriam ser tratados com respeito e aquilo que nós víamos era o cotidiano de uma instituição como a Colônia Santana. Os alunos entrevistavam e acompanhavam os pacientes, o que permitia a identificação dos distúrbios mentais e elaboração de diagnósticos; o resultado dessas visitas também guiavam as discussões em sala de aula. Não havia nenhum tipo de intervenção, mas a experiência era marcante e todos nós ficávamos impressionados com o contato direto com os pacientes. Castiglia avançou muito no ensino e foi quem implantou o serviço de Psicologia Aplicada em Santa Catarina.

RCH – Como eram realizadas as eleições para Chefe de Departamento.

Tuto – A votação era realizada entre os membros do corpo docente, mas a representação estudantil tinha direito a voto. Após a implantação do curso, houve uma grande confusão durante a eleição para Chefe do Departamento, pois dois candidatos pleiteavam o cargo: Dona Emiliania e a Profa. Mara Lago; eu e Taís Regina Ferraz da Silva éramos os representantes dos alunos e a assembléia dos estudantes deliberara pelo apoio à Emiliania. Alguns alunos não concordaram com a decisão e resolveram realizar uma outra assembléia, com resultado diferente. Foi argumentado que o curso de Psicologia teria dificuldades para obter o reconhecimento do MEC, caso ele fosse che-

fiado por uma pessoa sem a graduação em Psicologia, embora a Profa. Mara tivesse desempenhado importante papel na Coordenação do Curso – mais tarde, ela defendeu tese de doutoramento em Psicologia e hoje é Professora Titular em Psicologia Educacional. Durante a eleição, eu enfrentei sérios problemas, pois eu julguei que a decisão da primeira assembléia fora legítima e resolvi ignorar o outro resultado. Alguns alunos mais agitados e que pensavam diferente me submeteram a insultos e fui submetido a um “corredor polonês” – nessa ocasião, eu fui socorrido por Castiglia, homenzarrão de quase dois metros, e Lydio. A votação consagrou Dona Emiliana, mas o episódio deixou seqüelas e ressentimentos entre os colegas. Foi a partir desse episódio que emergiu o conflito entre os psicólogos e pedagogos, hoje absolutamente superado.

RCH – Quais eram as preocupações dos alunos naquele tempo?

Tuto – Como você sabe, estávamos no final da década de 1970, em pleno regime militar e do AI-5. As pessoas não tinham liberdade para discutirem abertamente certas coisas e nós éramos jovens e cheios de idéias. O ambiente acadêmico era efervescente, mas nós não podemos deixar de mencionar o fantasma do desemprego: a profissão era nova e não sabíamos o que fazer após a formatura. A maior parte dos colegas pensava em atuar em Psicologia Clínica e a especialização era quase sinônimo de Psicanálise – como a Psicologia Experimental é quase sinônimo de behaviorismo e experimentos com ratinhos. Curiosamente, havia um grande preconceito em relação à Psicologia Organizacional (o nome naquela época era “Psicologia Industrial”), pois muitos colegas de “esquerda” julgavam que a especialização representava uma rendição ao sistema capitalista e que os profissionais dessa área contribuíam para a exploração do ser humano. A nuvem negra que pairava sobre a “Psicologia Industrial” foi removida graças à competência dos nossos professores.

RCH – Após as leituras da “Enciclopédia Ego” e a sua eleição para a Chefia do Departamento de Psicologia, eu lhe pergunto: o seu sonho se concretizou ou v. “caiu na real”?

Tuto – Meus sonhos se concretizaram. Hoje, eu atuo em Psicologia Clínica, ministro aulas de Psicanálise e sou presidente da Maiêutica, a mais antiga instituição psicanalítica de Santa Catarina. A palavra Maiêutica foi extraída

das obras de Platão e significa o “partejamento de idéias”. Nós, psicanalistas, utilizamos o conceito para explicar a natureza do nosso trabalho: nós apenas auxiliamos as pessoas a desvendarem os seus desejos. Não posso deixar de mencionar que eu fui representante de turma, monitor da disciplina “Escolas Psicológicas III”, ministrada pela Profa. Jadete Rodrigues Gonçalves (atualmente Professor-Adjunto). A minha formação em Psicanálise foi iniciada ainda na graduação, através das leituras orientadas das obras de Sigmund Freud e outros autores.

RCH – Em relação ao período despendido na graduação e os tempos atuais, o que aconteceu quase três décadas depois? O nosso curso de graduação melhorou ou piorou?

Tuto – Eu acho que eu não sou a pessoa mais indicada para tecer algum comentário nessa direção, pois atualmente eu sou Chefe do Departamento e tive um grande envolvimento com os antigos professores do curso. Nós somos partes do curso e, portanto, não temos condições para realizar um julgamento imparcial sobre a questão. Feito esse esclarecimento e não me esquivando de sua pergunta, eu acho que o nosso curso de graduação era muito bom. Muitos professores sequer tinham a graduação em Psicologia e raramente víamos alguém com o título de Mestre ou Doutor, mas a dedicação e a experiência de vida compensavam a falta de titulação em psicologia – é importante ressaltar que isso não era peculiaridade da UFSC, pois os cursos de graduação ou pós-graduação em Psicologia eram quase inexistentes. Os pioneiros não tinham titulação formal e não havia algum parâmetro que pudesse guiar a implantação de um curso de graduação em Psicologia, mas o amor genuíno dos pioneiros permitiu o empreendimento na UFSC fosse coroado de êxito. As aulas eram interessantes, os alunos respeitavam os professores e éramos ávidos (pelo menos no meu caso) por novos conhecimentos. Parece-me que a titulação acadêmica é condição necessária, mas não suficiente, para a criação de um bom curso de Psicologia. Como todos nós sabemos, existem alunos dotados de espírito auto-suficiente que extraem o máximo de uma instituição; eles saem com uma boa formação acadêmica mesmo quando o curso é ruim e os professores são medíocres. Em outros casos, alunos desinteressados não aprendem muita coisa, mesmo quando lhes são oferecidas condições excelentes de aprendizado; alunos desse tipo pensam muito em seus direitos, querem tudo pronto e “mastigado” – quando pedimos a leitura de um texto, eles perguntam: “é para ler o livro todo?”.

Numa terceira condição, nós temos alunos inteligentes e motivados que extraem o máximo das aulas e do relacionamento com seus professores – se estes têm boa formação acadêmica e são dotados de amor à instituição, os alunos têm tudo para se tornarem excelentes profissionais. Esta discussão mostra que a avaliação de um curso de graduação é complexa e a responsabilidade não deve recair apenas nas costas do corpo docente.

RCH – Em tempos do “Ato Médico” e dos avanços da neurociência, qual é o futuro da psicologia?

Tuto – Eu acho que o futuro depende mais de nós mesmos que de outros, pois os bons profissionais inovam e sempre conseguem vencer as dificuldades. Quando o curso de Psicologia da UFSC foi criado, a profissão era praticamente inexistente (ela foi regulamentada em 1962, com a promulgação da lei 4119). As empresas e as instituições públicas não tinham cargos de psicólogos, mas os professores e os alunos daqueles tempos tinham interesse em mostrar à sociedade o que era a Psicologia.